



| | | |
|----------------------------|--------------------------|--------------------------------|
| Veículo: O Liberal | | |
| Data: 12/04/2018 | Caderno: Magazine | Página: 03 |
| Assunto: Lançamento | | |
| Tipo: Notícia | Ação: Provocada | Classificação: Positiva |

Alfredo Garcia lança novela no município de Capanema

O escritor Alfredo Guimarães Garcia lança hoje, a partir das 19 horas, no campus I da Universidade Federal do Pará (UFPA), em Capanema (Avenida Barão de Capanema, 1201), a novela "Andar, Andar: memórias do nunca mais" (Populivros, 2018), que obteve o prêmio Georgenor Franco de 2017, da Academia Paraense de Letras (APL). "Meu início na Literatura de ficção foi pela Literatura Infantil, depois pelo conto, especialmente o 'Memórias do Quintal' (1995); agora retomo esses enredos e retorno à infância com um personagem

em idade adulta, o qual faz uma espécie de acerto de contas com o passado", explica Alfredo.

A sessão de autógrafos será precedida de uma mesa-redonda com participação de Alfredo Garcia e do professor e doutorando Abílio Pacheco (UFPA), cujo tema é "Caminhos entre ficção & memória: a escrita e seus percursos". O livro conta a história de Miguel de Santana, um homem aturdido diante das encruzilhadas da vida. Sessentão, viúvo, ele volta à terra natal para o velório e enterro de um grande amigo de infância, Agileu. Desde a entrada da cidade ele se vê enredado nas memórias da infância, adolescência e idade adulta, enquanto caminha pelas ruas em que andou quando menino.

É pelas ruas da conhecida "terra do cimento"

(embora essa não seja nominada explicitamente) que transita Miguel Santana, personagem central do livro em busca - como diz na orelha do livro o escritor H.G. Neto - daquilo "que não foi e o que poderia ter sido". "Eu poderia fazer como Flaubert, ao ser questionado sobre quem seria a sua madame Bovary, e dizer: Miguel de Santana sou eu. mas é muito mais que isso. As memórias dele percorridas no livro são em parte as minhas da infância, mas ficcionadas, claro. Não sou memorialista, apenas uso a memória, o panorama histórico como pano de fundo para contar uma história que pulse, seja viva e atraente para quem a leia", finaliza Alfredo Garcia.